

ÚLTIMO ANDAR: OITO ANOS DE HISTÓRIA¹

Nesta edição, a revista Último Andar decidiu fazer uma entrevista um pouco diferente das habituais. Optou por resgatar a história da revista, reconstruindo a memória de seus oito anos de existência. O escolhido para fazer essa reconstrução foi o professor Dr. Ênio José da Costa Brito, um dos que fizeram florescer a ideia da revista. Ele, gentilmente, foi redesenhando a história da Último Andar, destacando a importância dela como um espaço de publicação do corpo discente. Ênio Brito fez doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, na Itália, e é um dos docentes do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-SP. Também leciona na Unifai e no Itesp (Instituto São Paulo de Estudos Superiores). Suas principais linhas de pesquisa centram-se nas temáticas: religiosidade popular brasileira, matrizes religiosas afro, o indígena e o simbólico, identidade cultural e experiência religiosa.

In this edition, we have decided to make an interview a little bit different than the usual ones in Último Andar. We have chosen to rescue the history of the magazine, rebuilding its eight-year memory of existence. The chosen person for this is Professor Enio José da Costa Brito, who, among other people, made the idea of the magazine bloom. He gently depicts the history of Último Andar, showing its importance as a space for the students to publish. Ênio Brito got his Doctor degree in Theology at Pontifícia Universidade Gregoriana, in Italy, and teaches at the post-graduation Program in Sciences of Religion at PUC-SP. He also teaches at UNIFAI and ITESP (Instituto São Paulo de Estudos Superiores). His main research areas concentrate in the following themes: Brazilian popular religiosity, African religious matrixes, the Indigene and the symbolical, cultural identity and religious experience.

¹ Entrevista realizada por Clarissa De Franco, mestranda em Ciências da Religião da PUC-SP.

UA (Último Andar) – Conte um pouco sobre a história da revista Último Andar. Como ela inicia?

Ênio Brito – Bom, eu tenho aqui uma preciosidade. Você viu (mostrando à entrevistadora um papel)? Este aqui é o convite de lançamento do primeiro número da Último Andar. Foi lançado em 1998, no dia 22 de outubro. Nós fizemos o lançamento ali no primeiro andar do prédio novo. Foi importante porque, naquele momento, o Programa (de Ciências da Religião) estava comemorando vinte anos. Então, o lançamento da revista, que fora planejado durante muito tempo – caderno, mais que uma revista –, entrava como uma das comemorações.

UA – Por que “caderno, mais que uma revista”? Como o senhor pontuaria essa diferença?

Ênio Brito – Antes de explicar o porquê desse perfil, quero primeiro relembrar um pouco da história, como surgiu a necessidade do caderno. Em 1992 – o caderno só vai aparecer em 1998 –, o Programa de Ciências da Religião passava por um momento de crise. Poucos alunos, pouca produção acadêmica...E o professor Queiróz (José J. Queiróz, docente do Programa de Ciências da Religião da PUC-SP), que naquele momento coordenava o Programa, tinha sido chamado pelo responsável pela Pós-Graduação, que disse a ele: “olha, ou o Programa de Ciências da Religião se desenvolve, deslança, ou nós vamos ter que fechar”. Queiróz logo pensou em montar uma equipe para elaborar e implantar um projeto para dinamizar o Programa, convidou professores. Fui um dos convidados e comecei a participar dos encontros de planejamento, trabalho voluntário, pois não havia horas disponíveis na Pós. Durante 1992 e 1993, juntamente com o professor Alípio Casali, professor do Programa de Currículo, a equipe foi gestando o projeto. Algumas coisas deveriam ser feitas a curtíssimo prazo, médio prazo e longo prazo. Para implantá-lo, pensou-se em oito anos: de 1992 – em que havia a crise – a 2000. “Vamos ver o que é possível fazer neste período”! A revitalização do Programa passava por torná-lo visível e, por isso, por publicações. Resumindo um pouco a estratégia pensada: revitalizar o mestrado e implantar o doutorado. Projeto ambicioso, pois só podia contar com o engajamento e o empenho dos professores e professoras da Pós. O doutorado foi aprovado no dia 14 de maio de 2000. Pouco depois, recebemos a visita da Capes. Na primeira avaliação, o mestrado recebeu nota 5, e o doutorado começou com nota 4. Como disse, publicar era uma das metas. Nós tínhamos, internamente no Programa, um pequeno boletim, em que um professor escrevia uma introdução e depois nós dávamos notícias de tudo que acontecia. Partimos daí. Num segundo momento, criou-se a chamada Coleção de Ciências da Religião – CRE – e o primeiro volume, Interfaces do Sagrado (Queiróz, 1996), foi publicado pela Olho D’água, ainda na gestão do professor Queiróz. Logo depois, eu já havia assumido a coordenação, demos continuidade à coleção publicando Religião Ano 2000 (Brito e Gorgulho, 1998). O último número publicado foi

Messianismos e milenarismos (Brito e Tenório, 2001). A intenção da coleção era dar visibilidade à produção docente. Mas nós estávamos interessados também na produção discente. Não só interessados, mas convencidos – e eu continuo convencido disso até hoje – de que, se o mestrando ou a mestranda não escrever durante o período em que está fazendo o curso, não terá tanta facilidade no momento de redigir a dissertação ou a tese. Era essa a política. Foi então que a ideia de uma revista para os mestrandos (as) começou a tomar corpo. A ideia foi logo abandonada e, inspirados na experiência da Universidade Metodista, que publicava alguns cadernos na área, optamos pela publicação de um caderno. Ele deveria refletir duas coisas: por um lado, o apoio que os professores(as) davam à produção discente, e, segundo, deveria refletir também – e acho que isso é muito importante – a heterogeneidade de abordagens do fenômeno religioso. Podemos olhar o perfil da *Último Andar*: temos, desde o início, artigos os mais diversos sobre o fenômeno religioso, mantendo essa heterogeneidade. Essa é um pouco a filosofia que queríamos ver refletida no caderno. Então, a primeira e saudosa equipe: Waldecy Tenório (ex-docente do Programa na área de Literatura e Religião), como não podia deixar de ser, nosso literato, convidou também a professora Maria José F. Rosado Nunes (também docente do Programa), que compôs essa equipe e tivemos duas alunas que estavam fazendo mestrado, a Ceres de Almeida Gomes, que foi a mestranda que se responsabilizou de fato, mas que também foi ajudada pela Maria Eduarda da Silva. O projeto foi gestado por essa equipe. Não fiz a arqueologia de como surgiu o nome do caderno, *Último Andar*, mas tenho impressão de que surgiu da conversa entre Waldecy e Maria José. Um dos versos da poesia da Cecília Meireles dizia: “o último andar é mais bonito, do último andar se vê o mar, é lá que eu quero morar”.² Quer dizer, naquele momento ainda não tínhamos este último andar atual [referindo-se ao quinto andar do prédio novo, adaptado posteriormente para uso acadêmico]. O quarto andar, de fato, era o último.

UA – E esse nome também pode ter alguma relação com a transcendência, o último estágio humano, o céu? Pois a poesia de Cecília também pode sugerir isso, não?

Ênio Brito – O nome também pode sinalizar a relação com a transcendência. Muito provavelmente, a equipe pensou nisso. Mas, primeiramente, lembrava o lugar, o espaço em que estava situado o Programa de Pós-Graduação. A equipe planejou o caderno e levou a proposta para o colegiado do Programa. O caderno começou muito modestamente, com um número por ano. Sempre quis três números por ano: para mim é o ideal, sempre defendi essa idéia e continuo defendendo. Ter começado com um número por ano foi mais prudente. O crescimento foi lento. No início, tivemos dificuldade com a periodicidade do caderno. Porque nosso

² Poesia disponível na homepage da revista *Último Andar*.

“calcanhar de Aquiles” não foi a produção dos mestrandos(as). Naquele momento, professores(as) e alunos(as), todos estavam muito envolvidos no projeto. Nosso problema foi sempre em relação aos prazos da editora e gráfica. Os números não saíam, ficávamos esperando. Nesse processo inicial, houve também um cuidado especial por parte da equipe em dar ao caderno um perfil exigido pela Capes. O que exigiu a participação de encontros organizados pela Capes. Não demorou muito para que o caderno ostentasse o perfil acadêmico. Quanto à estrutura, pensou-se em fazer uma grande entrevista com professores(as) envolvidos(as) com as Ciências da Religião ou áreas afins.

Artigos, ensaios, resenhas e notas bibliográficas complementarizam o caderno. Perfil que perdura até hoje. Pode-se falar de três objetivos mais imediatos do caderno: o primeiro e mais fundamental é incentivar a produção discente. Posso testemunhar isso: sempre pensei nesse espaço como um espaço do discente. Uma discussão que retorna com frequência: abrir o caderno para produção de fora – por sinal uma exigência da Capes. Essa abertura não pode ser exagerada, caso contrário limitaria a produção interna. Segundo objetivo muito claro: divulgar as pesquisas realizadas ou em realização. O terceiro objetivo é incentivar a troca de ideias, o intercâmbio entre pesquisadores(as), isto é, não só internamente, mas com ex-alunos(as). Se repararmos, de vez em quando temos um ex-aluno(a) mandando um artigo para ser publicado. Na política de crescimento do Programa, o ex-aluno(a) é uma peça fundamental. Estamos beirando uns duzentos ex-alunos(as), se restabelecermos o contato, certamente, muitos terão interesse em receber o caderno. Eles não só receberão como certamente utilizarão nas suas atividades (cursos, conferências, etc.) Nós temos um elemento multiplicador, que não foi potencializado ainda. Recentemente, folhee os doze números e fiquei impressionado com a diversidade de temas apresentados e com o volume de informações disponíveis. Já está na hora de se pensar num índice dos números.

UA – Nesse sentido, o meio virtual, a Internet, pode ajudar muito?

Ênio Brito – Facilitará enormemente. É possível pensar na publicação do índice num dos números do Último Andar deste ano. O caderno, tornando-se virtual, agilizará o processo de publicação. Com isso, vamos resolver o problema da periodização, porque agora isso fica a cargo da equipe. O que é muito bom, mas não abandonaria a ideia de ter o caderno publicado. A publicação tem sua especificidade. Tenho na biblioteca todos os números. É com orgulho que mostro para as visitas. Tem professores(as) de outros programas que vão à minha casa e ficam impressionadas com a produção. A publicação virtual do caderno facilitará muito, mas uma não exclui a outra. Temos de pensar na assinatura do ex-aluno(a) e tentar buscar um financiamento para o caderno. Vale a pena manter as duas formas de publicação.

UA – Então, o senhor acredita que o livro impresso tem um impacto maior?

Ênio Brito – Impacto maior não diria, mas dá visibilidade ao Programa de forma mais duradoura e permite outro dado, que é o intercâmbio, a permuta. Até hoje, não conseguimos montar nossa lista de permutas. A título de exemplo: a revista Espaços do Instituto Teológico São Paulo estabeleceu permuta com inúmeras revistas da América Latina e da Europa. A permuta cobre os gastos com a publicação, além de divulgar o Programa.

UA – Neste sentido, a Internet possibilita um outro tipo de intercâmbio...

Ênio Brito – Possibilita, não estou contrapondo uma à outra. Aponto para as vantagens de se manter a publicação impressa.

UA – Nós temos de aliar as duas?

Ênio Brito – Sim, aliar as duas. Eu acho que a publicação virtual colocará o caderno num outro patamar, além de resolver problemas práticos. No fundo, a equipe passa a ter o controle sobre a publicação do caderno e isto é muito bom. Mas, por outro lado, se pudermos tê-lo impresso também será ótimo.

UA – O senhor acha que faltam espaços como este caderno dentro da área de Ciências da Religião, no Brasil? Nós temos um número bom de publicações na área?

Ênio Brito – Publicações como esta são da maior importância. Tenho utilizado o caderno Último Andar nas aulas que ministro num curso Filosofia. Quando discuto o fenômeno religioso, utilizo o caderno. Nos congresso da Soter,³ quando apresento o Último Andar, percebo que é apreciado. Digo mais, o nosso caderno já inspirou várias publicações. Porque tem um perfil bem definido, e o que é importante: é uma publicação do corpo discente. Último Andar tem apresentado ao longo desses anos temas que estão na agenda cultural. A título de exemplo, pode-se indicar os artigos sobre o ensino religioso que convidam a repensar o estatuto epistemológico do mesmo. O ensino religioso está aí, para ser implantado no país, traz uma utopia, que é a de formar o cidadão e de possibilitar o diálogo entre as diversas expressões religiosas. O caderno se constitui num espaço para aprofundamento e fundamentação. Além de constituir-se num autêntico laboratório. Mestrandos(as) e doutorandos(as) têm no caderno um espaço para escrever academicamente. Submeter seus textos à crítica.

³ Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter), fundada em julho de 1985, com sede em Belo Horizonte, MG, Brasil.

UA – Para encerrar, o senhor acha que nós, os(as) alunos(as) estamos cuidando desse espaço?

Ênio Brito – A equipe responsável, sim! As equipes responsáveis sempre cuidaram com carinho desse espaço, e digo mais, foi graças a elas que o Programa conseguiu manter a periodicidade do caderno. Mantida com muito trabalho e dedicação. Mas, na curta história do caderno, houve momentos em que o corpo discente estava mais próximo. Um dos desafios desta nova fase será o de restabelecer esses vínculos.

UA – O senhor acha que faltam mobilizações entre os alunos?

Ênio Brito – Faltam mobilizações. Essa aproximação, que não é difícil de ser feita, poderá ser resgatada com um bom trabalho de divulgação e motivação para co-responsabilizar o corpo discente pelo caderno.

UA – A Último Andar agradece muito, Ênio, a reconstrução que fizemos juntos.

REFERÊNCIAS

QUEIROZ, J. J. et alii (1996). Interfaces do Sagrado. São Paulo, Olho D'Água.

BRITO, E. J. C. e GORGULHO, G. S. (1998). Religiões Ano 2000. São Paulo, Loyola.

BRITO, E. J. C. e TENÓRIO, W. (orgs.) (2001). Milenarismos e messianismos ontem e hoje. São Paulo, Loyola.